

O
Projecto
Insurreccional

raividições
raiva.pt.vu
raividita@yahoo.com

Alfredo M. Bonanno

Traduzido do Italiano para o Inglês por Jean Weir, em colaboração com John Moore e Leigh Stracross.
Publicado por Elephant Editions em 2000.

Tradução e edição: raividições, em 2007.

Textos já publicados:

- [anónimo], *Questões de organização. 31 teses insurreccionalistas.*
- Alfredo M. Bonanno, *A tensão anarquista.*
- Alfredo M. Bonanno, *O prazer armado.*
- Bob Black, *A abolição do trabalho.*
- Sasha K., *O acto insurreccional e a auto-organização da luta.*
- Wolfi Landstreicher, *A rede de dominação - análises anarquistas das instituições, estruturas e sistemas de dominação e exploração para serem debatidas, desenvolvidas e postas em prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Auto-organização autónoma e intervenção anarquista: uma tensão na prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Da política à vida - livrando a anarquia do fardo esquerdista.*
- Wolfi Landstreicher, *Pensamentos bárbaros.*

Anti-copyright

mento anarquista fosse considerado, tanto hoje como no passado, um grande armazém de ideias no qual qualquer um pode mergulhar, e do qual o próprio Capital tem obtido muitos conceitos. Mas os anarquistas estão cientes disto. Eles sempre puseram as suas ideias à disposição dos outros, porque, tal como disse Proudhon, o pior tipo de propriedade é a propriedade intelectual. Os anarquistas nunca recusaram que o Capital pudesse roubar-lhes as ideias, pois eles sempre souberam que são capazes de se mover para além delas. Então, se no final do século passado os anarquistas eram ecologistas de um modo específico, no facto de serem os únicos a ser ecologistas, agora que o Poder se “tornou ecologicamente consciente” e a ecologia se tornou uma indústria líder, os anarquistas não são ecologistas como antes. Eles já não dizem que é necessário salvar a natureza, mas em vez disso que, para a salvar, é necessário destruir tanto aqueles que a estão a poluir, como aqueles que querem salvá-la usando os meios do Estado.

Como se vê a si próprio?

Essa é uma pergunta que me foi feita há muitos anos aqui na Grécia, numa situação política muito diferente. As condições físicas eram também muito diferentes. Na altura respondi: um companheiro entre companheiros. Agora que estou mais velho a minha resposta é a mesma: um companheiro entre companheiros.

(1) Estrato que se encontra abaixo do proletariado

Prefácio

Se recusarmos que as nossas vidas sejam organizadas por outros, devemos ter a capacidade para nos organizarmos a nós próprios, ou seja, conseguir “reunir os elementos necessários para agirmos como um todo funcional coerente”. Para os anarquistas, indivíduos que desejam ardentemente a eliminação de qualquer traço de tirania e domesticação, isto tem sido experimentado numa miríade de formas de acordo com as condições sociais e económicas predominantes, e marcado pelo conceito particular de todo que cada um de nós tem. Se isto pode, em tempos, ter sido interpretado – por alguns – como significando uma grande organização em oposição a uma grande indústria, hoje a desintegração social e a incerteza foram mais longe que qualquer crítica em relegar tais planos para as páginas da história. Somos deixados com um dilema delicado: se a minha liberdade depende da liberdade de todos, não depende a liberdade de todos do meu agir para me libertar? E se todos os explorados não estão a agir para se libertarem – como um todo composto tangível – como posso eu funcionar, i. é., organizar-me, para destruir, sem demora, a realidade que me oprime? Por outras palavras, como posso eu agir como um todo que procura expandir-se e realçar-se até ao infinito? Tendo recusado os ajustes da participação, do trabalho voluntário e da mudança progressiva com os quais a ideologia democrática procura saciar os seus inchados sujeitos, fico comigo mesma e com a minha força imediata. Eu procuro os meus cúmplices: 2 ou 3, centenas ou centenas de milhares, para perturbar e atacar agora a actual ordem social – no pequeno acto que dá prazer imediato, indicando que a sabotagem é possível para qualquer pessoa; ou em

grandes momentos de destruição massiva, onde a criatividade e a raiva se combinam em colisão imprevisível. Deparome, então, com o desafio de criar um projecto cujo objectivo imediato é a destruição que, por seu lado, cria espaço para o novo.

O que mantém juntas as coisas e coloca as minhas acções em contexto não pode, por isso, ser uma organização formal fixa, mas o desenvolvimento da capacidade de me organizar, sozinha e com outros, onde os números não são um objectivo, mas estão sempre potencialmente presentes. Por outras palavras, devo criar um projecto insurreccional que contenha já todos os elementos de uma perspectiva revolucionária: a decisão de agir agora; análises do presente, tendo em conta as transformações profundas por que o capital está a passar a nível global e que tiveram um efeito no próprio conceito de luta; escolhas dos objectivos, meios, ideias, desejos; os meios de dar isto a conhecer a outros na minha busca por afinidade; a criação de ocasiões para confrontação e debate, e muito mais além disto. A projectualidade torna-se força em movimento, um elemento propulsor dentro de todo o fluxo insurreccional.

Os textos seguintes chegam-nos de uma série de encontros que tiveram lugar na Grécia há alguns anos. Um sub-título de um dos textos ficou famoso após ter sido escolhido pelos Carabinieri Italianos, em 1996, para dar nome à organização armada fantasma a que, posteriormente, acusaram dezenas de anarquistas de pertencerem. Isto não deve distrair-nos da nossa compreensão do texto, que pode ser visto como um ponto de partida, um convite a considerar e a experimentar a aventura insurreccional.

Jean Weir

do Comunista que denunciou as actividades armadas dos E.U.A. e dos Democratas Cristãos. Foram os próprios Democratas Cristãos que justificaram as suas actividades em termos da defesa de ideais capitalistas, numa tentativa desesperada para salvar a velha liderança política, ao construir uma pureza “revolucionária” para mostrarem que as pessoas que tinham pegado em armas no passado não deviam ser obrigados a pagar pelo Capital. Contrariamente à lógica de outros escândalos económicos, o Gladio é um exercício de lógica inversa. Enquanto que os escândalos económicos pretendem destruir a velha liderança, a operação Gladio tentou salvá-la. Contudo, isto mostrou-se impossível, dado que as necessidades do imperialismo mundial são maiores, e acabaram por controlar.

Num jornal anarquista Grego de 1896 há um artigo interessante sobre ecologia. O que pensa do facto de hoje o próprio Capital usar a ecologia como um meio de reestruturação?

Primeiro precisamos de pôr isto em contexto, dado que fizeste referência a um jornal do século XIX. O anarquismo não é um movimento político, e nunca o foi. É um movimento social, portador de ideias sociais, e por isso tem sempre, desde o seu nascimento, lidado com a totalidade dos problemas sociais. Se alguém olhar para jornais anarquistas do século passado, pode descobrir não apenas abordagens à questão da ecologia, mas também a qualquer outro problema que diga respeito ao homem. Os anarquistas foram os primeiros a falar de amor livre, erotismo, homossexualidade, sobre todos os aspectos que fazem parte da vida diária. Esta é uma das forças do anarquismo, e levou a que o movi-

cisa de ser dito de forma clara, contra todos aqueles que nos acusam deliberadamente de esquecermos os papéis dos outros estratos sociais.

Que relação há entre os recentes escândalos na Itália e na Grécia, e a nova gestão do poder?

A questão dos escândalos Italianos e Gregos é importante, e não é por acaso que vieram à luz agora, porque eles correspondem a profundas mudanças na gestão do poder. O novo capitalismo global, mais óbvio nuns sítios do que noutros – por exemplo, é mais evidente nos Estados Unidos, e menos na Grécia – precisa de uma classe de gestão política, não uma caracterizada pelo acordo ideológico, mas uma tecnicamente adaptada às necessidades de gestão do imperialismo global.

Por exemplo, uma gestão de poder semelhante à da ex-URSS, ou um tipo de nacional socialismo, teria em caso de necessidade, de recorrer a detenções em massa, execuções em massa, e teria resolvido o problema de uma revolta em poucos dias. Uma gestão democrática deve usar outros meios. Substituir a cabeça do governo é algo difícil de fazer, e os escândalos são um excelente meio de conseguir a substituição da velha liderança social pela nova tecnocrata.

Pode dizer-nos alguma coisa sobre o Gladio em Itália?

Como Machiavelli uma vez escreveu, tudo é legítimo na arena política. Em Itália o escândalo Gladio é a resposta Democrata Cristã à denuncia da sua actividade clandestina depois da guerra, que veia à luz nos arquivos Soviéticos anos mais tarde. Sim, disse que foi a resposta Democrata Cristã... Contrariamente ao que se acredita, não foi o Parti-

Introdução

Em Janeiro de 1993 fui convidado a ir à Grécia, juntamente com outro companheiro, para dar umas conferências no Politécnico de Atenas e na Faculdade de Direito de Salónica.

Os textos aqui publicados são: um esboço das conferências que iria dar, uma transcrição das cassetes da conferência em Tessalónica e uma transcrição de uma entrevista ao diário de Atenas *Eleftherotipia*. Como o primeiro destes textos era suposto ser um guia para as conferências, trabalhei-o ao pormenor juntamente com os companheiros Gregos, de modo a ser traduzido e dado aos presentes na altura. Isto foi necessário devido às dificuldades de interpretação no local.

Publiquei os textos em Maio de 1993, no número 72 da *Anarchismo*, com o título “Desenvolvimentos Recentes do Capitalismo”.

Os três artigos possuem uma homogeneidade que continua a dar sentido a publicá-los em conjunto, visto que todos dizem respeito à reestruturação do capitalismo e às formas de luta insurreccionalista que os anarquistas estão a propor contra este.

Aconteceu uma coisa curiosa. A penúltima secção do primeiro artigo aqui publicado tem ainda o título “Organização revolucionária anarquista insurreccionalista”. A origem deste mau título é bastante estranha e merece ser comentada. De facto, eu tinha no original intitulado a subsecção de “Organização informal anarquista insurreccionalista”, mas tivemos dificuldades quando tentámos traduzir o termo “informal”. Era impossível resolver isto antes da minha chegada à Grécia, portanto os companheiros sugeriram

substituir o termo “informal” por um mais genérico, “revolucionária”.

Esqueci-me de voltar a colocar a palavra “informal” quando publiquei o texto em Itália, embora esteja mais perto do que estou a falar nessa secção em particular.

Creio que não posso fazer tal correcção agora, dado toda a palhaçada que os especialistas dos escritórios da Procuradoria-Geral nos tribunais de Roma, liderados pelo Procurador do Ministério Público Marini, inventaram.

Penso que será útil dar uma breve descrição do modo como as mentes da judicária Italiana e dos Carabinieri trabalharam este texto.

A 17 de Setembro de 1997, dezenas de anarquistas foram presos em Itália sob acusações de rapto, assalto, assassinato, posse de arma, etc., iniciando o que veio a ser conhecido como “A Montagem Marini”. Estas acusações separadas foram transformadas numa única acusação conjunta i. é., a de pertencer a uma organização armada clandestina chamada O.R.A.I.. O nome foi retirado do parágrafo acima mencionado: “Organização revolucionária anarquista insurreccionalista”.

Este julgamento ainda não acabou, e pode continuar a arrastar-se durante anos, dadas as etapas legais que compõem o processo. Fomos libertados da prisão 14 meses depois de termos sido presos, graças a um simples erro processual: os génios da Procuradoria-Geral em Roma tinham estado tão ocupados a tentar justificar um “gang armado” fantasma que se esqueceram de seguir as suas próprias regras. O resultado é que, ainda que enfrentando acusações que podem levar a prisão perpétua, aqueles que, como eu, não tinham penas suspensas, estão agora todos em liberda-

grande capacidade para a acção social revolucionária: que perigo para a Comunidade Europeia! Infelizmente acredito que o uso da guerra como instrumento de gestão imperialista poderá alargar-se, e poderão ser vistos outros exemplos disto.

A questão dos motins no seio do império Americano é bem diferente. Temos de ter em mente que não se trata somente da América, porque acontecimentos semelhantes também aconteceram noutros países. Há mais de 10 anos, houve motins em Brixton. Depois na Suíça, houve a revolta em Zurique, e na Alemanha, em Hamburgo. Sob as condições do capitalismo avançado e precisamente devido ao processo de expulsão do velho proletariado da fábrica, há um estrato cada vez maior de novos pobres que não têm nada a perder, e que constituem uma ameaça, que está pronta a explodir a qualquer momento.

No entanto, tem de ser dito que o significado destas explosões não deve ser sobrestimado. É verdade que os anarquistas sempre foram a favor destas revoltas. Sempre que possível participaram nelas, em todo o lado – na sociedade ou na prisão, e sempre do lado dos mais fracos. Mas hoje eles devem evitar o risco teórico de pôr os rebeldes sociais do futuro no lugar da centralidade dos trabalhadores do passado. A sociedade é um problema complexo, que não tem nada no seu centro. Não há uma pequena parte da sociedade que seja capaz de realizar a revolução, nem mesmo os amotinados de Los Angeles. Mesmo que simpatizemos com eles, mesmo que estejamos ao seu lado. Mas temos de admitir que eles são apenas um elemento, uma espécie de antecipação involuntária de possíveis futuras insurreições em massa, não o elemento principal. E isto pre-

várias cidades da Grécia nos últimos dias, de dirigir todo o nosso criticismo aos Americanos, não seremos capazes de compreender o carácter geral do novo imperialismo. Sim, temos a dominação Americana, mas também a da Comunidade Europeia e da colossal economia Japonesa. Mas este triunvirato é diferente das estruturas de poder do passado. Elas não se relacionam umas com as outras em termos da competição que existia antes do colapso do império Soviético, partilhando antes relações económicas de administração imperialista, isto é, a construção e manutenção da dominação do mundial. Por exemplo, a situação na antiga Jugoslávia só se compreende através de uma análise do novo imperialismo mundial – não apenas Yankee, mas também Europeu. Pensa apenas, a Alemanha ocidental planeou investir milhares de biliões de marcos durante os próximos 10 anos para levantar a Alemanha oriental ao nível do consumismo ocidental. E isso diz respeito a apenas 17 milhões de pessoas. Agora, se um projecto assim fosse elaborado fosse feito para todo o Leste, desde a Rússia até à antiga Jugoslávia, seria precisa uma quantia impossível. Nenhuma potência mundial existente é capaz de realizar tal operação, e o imperialismo mundial está ciente disto. Qual é então a solução? Guerra. É por isso que não há nenhuma intervenção Americana na antiga Jugoslávia, porque uma guerra violenta e destrutiva como a que está a ter lugar agora, irá atirar os povos Sérvio, Croata e Bósnio para condições tais de pobreza que até a mais pequena intervenção, qualquer pequeno acto de ajuda humanitária, será visto como algo positivo. Pensa na existência de tal situação sem a guerra. Povos lutadores às portas da Europa de Leste, na fronteira com a Grécia. Pessoas lutadoras em pobreza extrema, com uma

de.

Como o maravilhado leitor irá descobrir, os textos seguintes não contêm qualquer teoria relativa a uma organização armada específica, sendo, isso sim, uma análise do método insurreccionalista de organização. Este é baseado em grupos de afinidade compostos por anarquistas, na elaboração de um projecto revolucionário comum, na sua ligação numa organização informal, na constituição de núcleos de base numa situação de luta em massa, e finalmente, no modo como estas estruturas se podem interligar.

Eu compreendo que, para a mentalidade obtusa dos Carabinieri, educados a ver o inimigo como uma cópia negativa deles mesmos e da sua organização, nada pode existir que não seja equiparado a uma organização com quadros, líderes, estratégias e objectivos. E, neste ponto consigo até compreender uma leitura enviesada do texto em questão. Mas o que não consigo entender, e que também nenhum leitor conseguirá, é como tal texto pode ter acabado por receber a tarefa de construir os alicerces de uma organização armada clandestina. Isto ainda está a ferver na cabeça do Procurador do Ministério Público, que não parará por nada deste mundo até demonstrar a nossa culpa.

Não parar por nada deste mundo. Precisamente, chegando ao ponto de negar todas as provas em contrário. E, de facto, como parece dos documentos do julgamento e até do sucinto fraseamento dos mandatos de captura, eles devem ter tido algumas dúvidas sobre o assunto. No entanto, estas foram evidentemente postas de lado devido aos grandes antecedentes da sua necessidade de justificar o injustificável: se é verdade que o Bonanno está a teorizar uma organização clandestina armada em particular (a

O.R.A.I.) neste artigo (“Desenvolvimentos Recentes do Capitalismo”), então nós, a Procuradoria-Geral e os Carabinieri, declaramos que ele não pode ter ido à Grécia para dela falar publicamente no auditório de uma universidade. Isso não seria lógico. E como o texto em questão deve significar o que nós, Procuradoria-Geral e Carabinieri, dizemos que significa, então devemos concluir que o Bonanno não foi à Grécia, não deu essas conferências, e não escreveu este texto como um esboço e memorando do que iria dizer em público...Uma conclusão lógica! Só que ignora uma coisa: que tanto em Atenas como em Tessalónica centenas de pessoas estiveram presentes nestas conferências. Existem gravações não só das conferências como de todo o debate. Tanto as conferências como o debate em Tessalónica foram transcritos e apresentados num livro publicado na Grécia. E, finalmente, existem até fotografias publicadas juntamente com a minha entrevista (o terceiro artigo aqui publicado) a 28 de Fevereiro de 1993, no diário de Atenas *Eleftherotipia*.

Mas porque iria a acusação querer ler algo – a teorização de um inexistente grupo armado com o respectivo nome – neste texto, mesmo correndo o risco de parecerem ridículos? Há uma resposta simples: porque de outro modo não conseguiriam condenar dezenas de anarquistas por conspiração – uma conspiração que claramente não existe. Se assim não fosse, restar-lhes-ia apenas provar as acusações individuais que teriam de ser tratadas em separado, de acordo com as regras do código penal, etc.

Os procuradores sabem perfeitamente que a segunda opção não seria fácil para eles. Eles estão bem cientes de que muitas das acusações são baseadas em acusações ilegítimas de uma rapariga subornada por eles, *esta é a*

de procriar Sérvios, i.é., como um tipo de programação genética. Uma ideia destas recua realmente ao início dos tempos e confronta-nos com trágicas reflexões. Por exemplo, podia acontecer que nós (incluindo anarquistas) tenhamos errado em relação à bondade original do homem e à noção de que era a sociedade que o fazia tornar-se mau. Provavelmente, todos teremos de reconsiderar estes conceitos. Precisamos de nos tornar intelectualmente mais perspicazes, e não ficar surpreendidos de cada vez que estes eventos re-ocorrem na história, e deixarmos de colocar as nossas esperanças na bondade das pessoas. O nacionalismo voltou a emergir porque ele existe em cada um de nós, porque o racismo está dentro de cada um de nós. O medo do homem preto está dentro de nós, naqueles regiões obscuras que temos medo de penetrar, onde está o medo do diferente, do estrangeiro, da pessoa com SIDA, do homossexual. Estes medos existem dentro de todos nós, incluindo os anarquistas, e precisamos de falar sobre eles, não de os esconder sob a ideologia, debaixo de grandes palavras como revolução, insurreição, liberdade. Porque todas estas lindas palavras, se forem desenvolvidas e trazidas à realidade por pessoas que têm medo do diferente, correm o risco de se tornarem instrumentos do poder do futuro, não instrumentos de libertação.

O que significam os motins dos guetos Americanos, como por exemplo o de Los Angeles?

O colapso do verdadeiro socialismo evidenciou a aparente dominação dos Americanos. Digo aparentemente porque não são apenas os Americanos. Se cairmos no erro, como vi fazerem durante o decorrer destas conversas em

os anarquistas afirmam que, na verdade, é a razão que cria monstros. Quer dizer, a razão dos filósofos, dos políticos, dos programadores do poder, do domínio, e também da ideologia histórica. Portanto, enquanto for possível construir Estados e apoiar a exploração, a guerra e a morte social, será possível um conceito de história linear. Quando tudo isso mudar, ou começar a mudar, iremos finalmente perceber que não existe nada disso de história linear mas que, de acordo com a intuição dos vossos antigos filósofos Gregos (que continuam incontestados até hoje), a realidade tem um movimento circular, em que a barbaridade do passado se pode apresentar a qualquer momento. Neste movimento circular nunca nada é velho ou novo, mas em vez disso tudo é sempre diferente – o que não significa que seja mais ou menos progressivo. Esta é a razão pela qual é necessário começar de novo de cada vez, identificar o inimigo, o inimigo de classe, o inimigo social, o poder, e atacá-lo, sempre com novos meios. Isto assemelha-se ao trabalho de Sísifo, e os anarquistas têm esta qualidade de Sísifo, de iniciar sempre pelo princípio outra vez, porque como ele, eles nunca desistem. E com a sua força moral, eles são superiores aos deuses, tal como Sísifo.

O que pensa do reaparecimento do nacionalismo?

Não só existe um reaparecimento do nacionalismo, mas um reaparecimento da mais feroz barbaridade do passado. Por exemplo, pelo menos segundo o que os jornais disseram, 20 mil mulheres foram violadas na Bósnia. Mas não só do mesmo modo que acontece como todos os outros exércitos do mundo, porque a violação é uma prática normal de qualquer exército, mas em vez disso como meio deliberado

razão porque eles persistem tanto em querer ler algo que não está nesse texto.

Na realidade, o conceito de organização informal proposto no texto em questão não se parece, de modo algum, com o de uma organização armada clandestina. Estamos em dois mundos diferentes. A organização fechada (necessariamente, se estamos a falar de *clandestinidade*) é um instrumento como outro qualquer, e em certas condições do confronto de classes pode até ser útil como meio defensivo ou ofensivo, se nos encontrarmos numa situação complicada. A estrutura económica e social teria de mudar profundamente de modo a que, actualmente, essa organização se tornasse útil como um meio. O capital teria de voltar uns degraus atrás, às condições de produção que existiam nos anos 80, quando havia uma classe trabalhadora forte e centralizada e uma cintura de transmissão fixa feita de sindicatos e partidos de extrema esquerda – tudo coisas que, claramente, já não existem. O modelo de organização fechada, que apenas indirectamente quer que a luta se generalize e nada faz nessa direcção a não ser dar a conhecer as suas acções pelos media – e nós sabemos como *isso* funciona – corresponde, em muitos aspectos, às condições ideológicas que resumem o sindicato e o partido. Se recusarmos ser semelhantes a partidos políticos, devemos também recusar ser comparados a organizações cujo objectivo é o crescimento numérico, aumentando o número das suas acções e auto-declarando-se o alicerce da luta de classes.

Claro que, se os anarquistas se envolvessem na constituição de uma organização fechada específica, iriam fazê-lo de um modo bastante diferente do clássico esclerótico Marxista-Leninista. E não há dúvida de que, no seu tempo, a

Azione Rivoluzionaria (Acção Revolucionária) foi uma tentativa nesse sentido. Mas cedo se distanciou da sua trajectória inicial, que ia na direcção de uma generalização da luta, e fechou-se na lógica do recrutamento e agrupamento de armas com outras organizações combatentes em cena naquela altura. Eu não estou a dizer que eles não fizeram propostas interessantes, especialmente nos seus primeiros documentos. Tudo o que estou a dizer é que, não só estas propostas não aguentaram a crítica mas, ao retirarem para uma posição de defesa, eles acabaram por se aniquilar ao tornarem-se cada vez mais clandestinos, só isso. Foi dito na altura, que os melhores companheiros são aqueles que estão na prisão. Só tínhamos de ir parar à prisão para nos tornarmos melhores companheiros.

O problema é simples. Quando fazemos uma análise não podemos pôr de lado as nossas posições pessoais. Estas penetram, inevitavelmente, na nossa análise sem que o queiramos. E, quando a análise é escrita na prisão, é óbvio que é daí que ela provém. Além de que, quando um companheiro vê a sua realidade imediata ser radicalmente comprometida, ele converge isso para a análise em que está a trabalhar, assim como para o tipo de intervenção e método que propõe. Ao aprisionar-se no ponto de vista sufocante de uma organização clandestina, o seu modo de pensar torna-se clandestino até para ele mesmo, quase sem que se aperceba disso.

Foi dito que, se alguém se encontrasse numa fase pré-revolucionária (embora ninguém conseguisse explicar como reconhecemos tal fase), o único caminho possível seria o da organização armada, mais ou menos fechada. Viu-se, mais tarde, que todas as tentativas de “ser diferente” simplesmente

A história tem um modelo circular ou linear?

Esta é também uma questão difícil. Mas os vossos leitores são todos filósofos? Não sei até que ponto uma análise profunda poderá ser útil; no entanto, irei começar por afirmar que não podemos separar a ideia de história da ideia de progresso. A ideia de progresso vem da burguesia revolucionária que se lançou à conquista do poder. Precisamos de entender que a ideia de progresso é uma ideia de poder, da gestão de poder. Agora, a ideia de progresso requer uma concepção linear da história, algo que foi muito bem expresso por Marx. Ele pensou que o choque revolucionário entre a burguesia e o proletariado iria necessariamente acabar com a vitória do proletariado, porque este último estava destinado a fazer história. Nisto ele aplicou a ideia do seu mentor filosófico Hegel, que disse que a ideia objectiva do mundo iria realizar a filosofia e torná-la inútil, por isso as pessoas não precisariam mais de pensar. E nós vimos como o Estado de facto pensou em vez das pessoas nos países do verdadeiro socialismo. E estas ideias filosóficas aparentemente inocentes ainda se escondem entre pequenos grupos universitários e são discutidas por gente muito séria, sábios preocupados com o destino das pessoas. Então eles saem das universidades, vagueiam pela realidade e contribuem para construir os campos de concentração, determinam massacres em larga escala, tragédias históricas de grandes dimensões, guerras e genocídio.

Agora, tendo estabelecido isto, podemos voltar ao problema do conceito linear de história. Pelo que é que os anarquistas o substituem? Eles sugerem inverter o sentimento de Marx, de que o sono da razão cria monstros. Pelo contrário,

remos dizer com o conceito “o fim da história”?

Essa é uma questão muito confusa. Temos de determinar o que queremos dizer com história. Nem por sombras existe uma relação entre neo-liberalismo e história, porque o velho liberalismo era historicista, isto é, apoiava a ideologia da história. Esse tipo de história acabou. Independentemente do que dizem os filósofos, a crise na ideia de progresso relativo a uma única linha avançando através da realidade e tempo, leva necessariamente a uma crise na ideologia da história, não apenas uma crise de história. Por isso, não é apenas uma questão de crise das ideias, porque o novo liberalismo tem medo de uma futura falha do controlo social e faz circular o medo do “fim da história” ao nível da opinião pública. O seu objectivo é limitar as pessoas através de uma ideologia da história que, tal como qualquer ideologia, é um instrumento de controlo. Portanto, não atingimos de todo nenhum fim histórico. O facto de estarmos a chegar ao final do milénio apenas serve para aumentar a confusão. Um neo-milenarianismo está a ser posto em circulação por razões irracionais. Este é um terreno social bastante perigoso, onde podemos ver um desenvolvimento de todos os integralismos religiosos, incluindo a versão Cristã, em nome de uma necessidade abstracta de salvar o homem. Portanto, não é uma questão de “o fim da história”, mas antes do fim do historicismo, o qual, como qualquer nova ideologia de dominação mundial, não sabe ainda o que fazer. Apercebe-se de que ainda não possui os instrumentos teóricos necessários idealmente adaptados, enquanto que a academia, i.é., a universidade – Japonesa e Americana – mundial não tem nada melhor para fazer do que produzir amabilidades deste género.

te acabaram por se abortar na condição clássica de fechamento. Não lembra hoje a ninguém que estejamos numa fase pré-revolucionária, por isso se aceitássemos a ideia de uma organização armada específica, seria simplesmente uma questão de uma decisão pessoal nossa, nada mais. Uma escolha como qualquer outra. E digo isto sem nenhuma expectativa relativamente às acusações no julgamento de Roma.

Neste ponto poderia citar algo que escrevi há anos atrás, num artigo publicado na *Anarchismo* – em 1979, para ser exacto – intitulado “Sobre a Organização Clandestina”, que está também disponível no meu livro *A Revolução Ilógica* (pg. 88-90), mas acho que não é preciso. Enquanto muitos podem simplesmente ter esquecido estas palavras do passado, eu próprio não sei o que fazer com elas. Eu nem quero, sequer, lê-las de novo, porque pertencem a um período que é bastante diferente do presente. Pelo que me lembro, elas referiam-se ao facto de que a crítica da organização clandestina fechada não é, somente, uma afirmação de individualismo. A crítica não tem um efeito enfraquecedor, ela fortalece. Mas algo de estranho acontece quando aqueles que estão sob crítica são companheiros que participam, ou apoiam, uma forma fechada de organização, mesmo que apenas em teoria. A crítica é vista como um ataque pessoal ou algo destinado a enfraquecer a sua condição. E, quando nos deparamos com um companheiro com anos de prisão em cima, corremos o risco de ser linchados. Não penso que o conceito de generalização da luta, incluindo luta armada, seja a recusa da organização. Nem penso que criticar a organização clandestina fechada significa “expormo-nos a um massacre”. Tais generalizações não me interessam.

A organização informal de grupos de afinidade e o consequente desenvolvimento de núcleos de base em lutas de massa específicas, são as formas organizacionais que considero actualmente mais úteis para a generalização da luta, armada ou outra.

Alfredo M. Bonanno, Catania, 10 Outubro 1998

vista de forma negativa, como “idade negra”, o que não foi o caso. A crise da ideologia levou também a uma crise da ideia de progresso, sobre a qual se baseou a análise Marxista em particular. Basta pensar em Lukacs e na sua teoria de que a realidade progride de um modo determinista e historicista em direcção a um futuro melhor. No passado este conceito ideológico foi também partilhado por vários anarquistas, e foi um erro. A realidade não se move numa direcção progressiva, e as condições de barbaridade estão sempre presentes. Não existe nada na história que possa garantir o contrário. Não podemos olhar para nenhum período específico e dizer: a barbaridade acabou, o fascismo acabou para sempre. Nós vivemos com o fascismo, podemos ver isto melhor devido à crise na ideologia que nos abriu um pouco os olhos, mas apenas um pouco. Por isso, no que a esta questão diz respeito, eu sou da opinião que nos encontramos, não numa Idade Média, porque a Idade Média não foi bárbara, mas numa situação onde a barbaridade ainda é possível. Por isso não, eu não concordo com a ideia de que estamos a atravessar um período histórico semelhante à Idade Média. Estamos constantemente a viver numa condição de possível barbaridade, mas também de possível liberdade. Cabe-nos a nós escolher que caminho queremos seguir, e este é o objectivo da actividade revolucionária: perceber qual é a estrada para a liberdade, e descobrir os meios para a seguir.

Tendo em conta a crise na ideologia e a posição de Fukuyama – o fim da história, o fim das ideias –, será que alcançámos o fim da história ou será que temos algumas ideias que nos podem dar informação? E se sim, o que que-

como estamos agora a fazer. Ele não pode existir a um nível prático no decorrer das lutas sociais, porque aí, mais do que em qualquer outra altura, os media simplesmente desempenham o papel de apoio ao inimigo. Os anarquistas insurreccionalistas não acreditam que seja possível existir informação objectiva e neutra.

Então mas será toda a gente presa dos media? Não poderiam estes meios de informação ter um papel importante em dar a conhecer os anarquistas?

Acredito que nada é absoluto. Na actividade revolucionária são feitas escolhas que, naturalmente, têm tanto aspectos positivos como negativos. Quando se encontram em lutas sociais, os anarquistas insurreccionalistas escolhem recusar estes meios de comunicação. Obviamente que isso tem o seu preço em termos de transmissão da imagem, mas penso que há assuntos mais importantes envolvidos, tais como manter os media afastados da luta social, apesar de isso não os impedir de levar a cabo o seu trabalho de mistificação. Mas aqui é uma questão de responsabilidade revolucionária, e em Itália uns poucos jornalistas têm foram pessoalmente atacados como resultado. Por isso, não há nada de absoluto sobre tomar tais decisões, apenas escolhas práticas a fazer.

Foi dito que a Europa está actualmente a atravessar uma Idade Média cultural. Qual é a sua opinião sobre isto?

Esta é uma pergunta complexa, que para ser respondida requer no mínimo algumas palavras de introdução de natureza cultural. O próprio conceito de "Idade Média cultural" mostra as limitações de certa informação. A Idade Média é

Desenvolvimentos Recentes do Capitalismo

Do final dos anos 70 até ao início dos anos 80, a indústria nos principais países capitalistas estava em crise. A relação entre fábricas e a produtividade estava pior do que nunca. As lutas lideradas pelos sindicatos, assim como as do proletariado em geral (especialmente nas suas manifestações mais violentas, sob a liderança das várias estruturas revolucionárias da classe operária), conduziram a um aumento nos custos de produção bastante grande em relação aos lucros do capital. Incapaz de se ajustar, faltando-lhe a força para reduzir drasticamente os custos de produção e dos salários, parecia que todo o sistema se estava a encaminhar para o seu colapso natural.

Mas na primeira metade dos anos 80 deram-se rápidas mudanças, tomando a reestruturação industrial uma direcção electrónica. Os sectores de produção primário e secundário (indústria e agricultura) estavam em declínio, com a consequente redução do emprego. O sector terciário (serviços), expandiu-se em enormes proporções, absorvendo alguma da força de trabalho dispensada, atenuando assim a reacção social violenta que o capitalismo temia mais do que tudo.

Resumindo, os tão temidos motins e revoluções não aconteceram. Não houve nenhuma pressão insuportável do exército de reserva do proletariado. Em vez disso, tudo se adaptou calmamente às mudanças nas estruturas de produção.

A indústria pesada substituiu as velhas fábricas com fábricas robotizadas, capazes de atingir níveis de flexibilidade de até aí inimagináveis, e baixos níveis de investimento. Os

custos de produção baixaram sem que isso levasse a uma queda na procura, porque o sector dos serviços aguentou bem, assegurando níveis de lucro que eram suficientes para fazer inchar o sistema capitalista como um todo. A maioria dos trabalhadores despedidos conseguiu descobrir maneira de se safar no flexível e permissivo mundo novo capitalista.

A nova mentalidade produtiva e democrática

Nada disto teria sido possível sem a emergência de uma nova mentalidade flexível no local de trabalho: uma redução na necessidade de qualificações profissionais e um aumento das exigências para trabalhos pequenos e auxiliares. Isto coincidindo com a consolidação da mentalidade democrática.

Os mitos das carreiras e melhoramentos de salários da classe média desapareceram para sempre. Tudo isto foi possível devido a intervenções articuladas a todos os níveis: a) nas escolas, na adopção de métodos de ensino menos rígidos, melhor adaptados à construção de uma personalidade “maleável” nos jovens. Isto era para os habilitar a se adaptarem a um futuro incerto do tipo que teria aterrorizado os seus pais; b) na gestão política dos países capitalistas mais avançados. O autoritarismo cedeu lugar à democratização, envolvendo as pessoas em procedimentos fictícios de referendos e eleições; c) na produção, onde, como dissemos, o desaparecimento de qualificações profissionais tornou os produtores domesticados e flexíveis.

Tudo isto aconteceu de acordo com o espírito daquele tempo. Os sonhos de certezas filosóficas e científicas deram lugar a um modelo “fraco”, baseado não no risco e na coragem, mas no ajustamento a curto-prazo, no princípio de que

imagem de há 100 anos atrás, ou é dada pelos media. As imagens dos media muitas vezes confundem anarquistas, autonomistas e outras componentes marginais da sociedade, tais como o “Lumpen-proletariat” (1) em revolta, até ao ponto de por vezes chamarem os hooligans de anarquistas.

Isto acontece apesar do facto de o movimento anarquista ter uma longa história em Itália?

É também devido a uma certa incapacidade por parte dos próprios anarquistas. Mas deve ser dito que não é fácil destruir uma opinião que a televisão constrói num só dia, num único programa. Deves compreender que a herança histórica do movimento anarquista Italiano é muito pouco conhecida, dado estar confinada à minoria anarquista e ao estudo académico. A informação que a maioria das pessoas recebe limita-se aos mass media. Devido a estas condições, que são as mesmas na Grécia, não é possível modificar a situação de um dia para o outro, é preciso muito esforço.

O uso dos media é considerado como parte do projecto insurreccional?

Esta é uma questão muito importante, e demonstra a diferença radical entre duas estratégias revolucionárias. Por um lado a autoritária, a dos antigos Marxistas cujo objectivo era realizar acções espectaculares – sendo o caso que causou maior alarido o rapto de Moro – usando os media e, através deste instrumento de sensacionalismo, fazer propaganda em massa. Segundo os anarquistas insurreccionalistas, esta é, definitivamente, uma estratégia falhada. Os anarquistas não pensam ser possível usar os media. Um diálogo limitado, ténue, pode acontecer apenas a um nível teórico,

Os anarquistas e a história

Qual é a sua identidade e a do anarquismo?

Actualmente, especialmente a seguir ao colapso do verdadeiro socialismo, vastas perspectivas se abrem para o anarquismo revolucionário. Isto deve ser visto tanto como um instrumento de análise, um meio para entender a realidade, como um ponto de referência organizacional para as pessoas levarem a cabo lutas sociais na prática quotidiana.

Qual é a posição do movimento anarquista Italiano na sociedade actual?

A situação Italiana é muito diferente da Grega, em parte porque a Itália testemunhou 20 anos de revolucionismo autoritário, i.é., grupos armados Marxistas-Leninistas. O fracasso desta estratégia autoritária, cujo objectivo era a conquista do poder, levou as pessoas a pensarem que toda a luta revolucionária está condenada a falhar. Por isso os anarquistas em Itália enfrentam hoje uma difícil tarefa, porque por um lado este problema precisa de ser clarificado, e por outro, é necessário explicar às pessoas o entendemos por luta revolucionária, que para os anarquistas é a destruição do poder. E eles não podem limitar-se a explicar tudo isto apenas por palavras. Também precisa de ser feito através da prática concreta de lutas sociais, algo que ainda está para acontecer.

Que imagem têm os Italianos dos anarquistas?

Quando a sociedade Italiana tem uma visão do anarquismo e dos anarquistas – eu digo “quando”, porque muitas vezes eles nem sabem o que são anarquistas – ou é uma

nada é certo, mas tudo pode ser arranjado.

Assim como contribuindo para o desaparecimento do velho e, em muitos aspectos desactualizado autoritarismo, a mentalidade democrática também levou a uma tendência para o compromisso a todos os níveis. Isto resultou numa degradação moral onde a dignidade dos oprimidos foi substituída por uma sobrevivência garantida mas desconfortável. As lutas recuaram e enfraqueceram.

Obstáculos enfrentados pela luta insurreccional contra o Estado e o capitalismo pós-industrial

Sem dúvida, um dos obstáculos a enfrentar é precisamente esta mentalidade amorfa e flexível acima referida. Isto não pode ser comparado à tradicional confiança na segurança social; é simplesmente um desejo de encontrar um nicho no qual sobreviver, trabalhar o menos possível, aceitar todas as regras do sistema e desprezo pelos ideais e projectos, sonhos e utopias. Os laboratórios do capitalismo fizeram um excelente trabalho neste sentido. A escola, a fábrica, a cultura e o desporto uniram-se para produzir indivíduos que são domesticados em todos os aspectos, incapazes de sofrer ou conhecer os seus inimigos, incapazes de sonhar, desejar, lutar ou agir para transformar a realidade.

Outro obstáculo, que está relacionado com o segundo, consiste em empurrar a produção até às margens do complexo pós-industrial como um todo. O desmantelamento da classe de produtores já não é um projecto ambíguo, ele tornou-se uma realidade. E a divisão em numerosos pequenos sectores que normalmente trabalham uns contra os outros, está a aumentar esta marginalização.

Isto está rapidamente a tornar obsoletas as estruturas

tradicionais de resistência dos trabalhadores, tais como partidos dos trabalhadores e sindicatos. Os últimos anos testemunharam um desaparecimento progressivo do velho sindicalismo, incluindo aquele que em tempos, aspirou à revolução e à auto-gestão. Mas, mais importante, testemunhámos o colapso do comunismo, que apregoava ter construído um Estado socialista – concretizado através de controlo policial e repressão ideológica.

Não se pode dizer que uma estratégia organizacional capaz de responder às novas condições da realidade capitalista produtiva e social, no geral tenha emergido.

Desenvolvimentos que podem ter surgido de propostas feitas por anarquistas insurreccionais, especialmente aquelas que vão no sentido das relações informais entre indivíduos e grupos baseadas na afinidade, não foram ainda totalmente incluídas. Elas têm muitas vezes sido recebidas sem grande interesse por companheiros, devido a uma certa e em alguns aspectos compreensível, relutância em abandonar os velhos modos de pensar e aplicar novos métodos de organização.

Iremos falar disto mais à frente, visto que ser central para a luta contra as novas estruturas de repressão e controlo total produzidas pelo Capital e pelo Estado.

Reestruturando a tecnologia

A actual revolução tecnológica baseada na tecnologia da informação, nos lasers, no átomo, nas partículas subatómicas, novos materiais tais como fibras ópticas, que permitem transporte e consumo de energia a velocidades e através de distâncias em tempos inimagináveis, nas modificações genéticas, dizendo respeito não apenas à agricultura

ques de que temos conhecimento, podemos adivinhar pelo menos mais uns 400 que podem ter acontecido, visto que o Estado omite estas acções porque tem medo delas. Seria impossível controlar um alastrar da sabotagem, de forma capilar, por todo o país. Nenhum exército do mundo é capaz de controlar tal actividade. Tanto quanto sei, nenhum companheiro foi detido em relação com os 400 ataques conhecidos.

Gostava de acabar por aqui, porque penso que estou a falar há tempo suficiente. A nossa escolha insurreccionalista é anarquista. Ao mesmo tempo que é, digamos, uma escolha com base na personalidade, uma escolha do coração, ela é também uma escolha de raciocínio, o resultado de uma reflexão analítica. O que sabemos hoje sobre a reestruturação capitalista global diz-nos que não há nenhum outro caminho para os anarquistas se não aquele da intervenção imediata e destrutiva. É por isto que somos insurreccionalistas e contra toda a ideologia e conversa fiada. O tempo da conversa de café acabou. O inimigo está já aqui após desta parede, visível para todos. É simplesmente uma questão de decidir ataca-lo. Estou certo de que os companheiros anarquistas insurreccionalistas saberão escolher o tempo e os meios para o fazer, porque com a destruição deste inimigo, companheiros, é possível realizar a anarquia.

nológica (ou alguém responsável por essa concretização), está totalmente consciente de que não está a atacar qualquer centro do Capitalismo. Durante a primeira metade dos anos 80, existiram enormes lutas em massa contra as centrais de energia nuclear em Itália. Uma das mais importantes foi a luta contra a base de mísseis em Comiso. Neste contexto constituímos “núcleos de base”. Durante três anos lutámos ao lado a lado com as populações locais. Esta foi uma luta em massa, que por várias razões não teve sucesso em impedir a construção da base. Mas este não é o único tipo de luta que tomamos em conta, é apenas um dos possíveis em que participamos como anarquistas insurreccionalistas, uma das muitas lutas intermediárias possíveis. Noutra direcção, nos anos seguintes, deram-se mais de quatrocentos ataques contra as estruturas relacionadas com o abastecimento de energia eléctrica, em Itália. Sabotagem contra centrais eléctricas de carvão, a destruição de postes de alta tensão, alguns deles gigantes que abasteciam uma região inteira. Algumas destas lutas transformaram-se em lutas em massa; houve intervenção massiva em alguns dos projectos de sabotagem, noutros não. Numa noite escura no campo, companheiros anónimos podiam fazer explodir um poste de alta tensão. Estes ataques estavam dispersos por todo o país, e na minha opinião possuíam duas características essenciais: constituíam um ataque facilmente concretizável contra o Capital, no facto de não utilizarem tecnologia altamente destrutiva e, em segundo lugar, são facilmente copiados. Qualquer pessoa pode dar um passeio à noite. E além disso, é também saudável. Deste modo, os anarquistas não esperaram passivamente que as massas acordassem, decidiram fazer alguma coisa eles mesmos. Além dos 400 ata-

e aos animais, mas também ao homem; etc, não se ficou pela mudança do mundo. Fez mais. Produziu condições que fazem parecer impossível planear ou fazer planos para o futuro que virá, não apenas no que respeita a quem tenciona manter o actual estado das coisas, mas também no que respeita a quem tenciona destruí-lo.

A razão principal para isto é que as novas tecnologias, que estão agora a interagir e a tornar-se parte do contexto que se tem desenvolvido nos últimos 2000 anos, podem produzir resultados imprevisíveis. E alguns destes resultados podem ser totalmente destrutivos, muito além dos efeitos devastadores de uma explosão atómica.

Daí a necessidade de um projecto direccionado à destruição da tecnologia como um todo na sua fase primária, na sua essência, e que baseie todas as suas abordagens políticas e sociais neste imperativo.

Reestruturação política, económica e militar

Estão a ocorrer também profundas mudanças no sector económico. Estas mudanças estão a afectar a situação política nos países capitalistas mais avançados, com efeitos consequentes no sector militar.

Estão a emergir novas fronteiras no capitalismo pós-industrial, através de processos que estão em todo o lado e da reorganização que está constantemente em fluxo. O estático conceito de produção, ligada à maquinaria pesada em grandes fábricas capaz de produzir uma multiplicidade de bens de consumo, foi suplantada pela ideia engenhosa de mudanças velozes e pelo aumento da competição em produções especializadas com produtos com estilo, individuais e personalizados. O produto pós-industrial não requer

trabalho especializado mas está directamente baseado numa linha de produção, simplesmente pela reprogramação de robôs que o produzam. Isto significou uma incrível redução nos custos de armazenagem e distribuição, e eliminou tanto a acumulação de stock de produtos não vendidos, como o perigo de estes se tornarem obsoletos.

Este desenvolvimento criou maravilhosas novas possibilidades para o capital no início dos anos 80, e no final da década já se tinha tornado norma. Portanto, a situação política teve de mudar para corresponder à nova situação económica.

Isto explica as consideráveis mudanças que aconteceram no final dos anos 80 e no início dos 90. Houve uma mudança na direcção de uma selecção cuidadosa do estrato administrativo, que deve conseguir ver as necessidades desta nova forma de produção. Isto explica por que os países industriais avançados, como os E.U.A. e a Grã-Bretanha, atravessaram um período de aumento do autoritarismo no governo, e entretanto passaram a uma organização política mais versátil, flexível e correspondente às necessidades económicas de vários países que estão hoje a agir de modo coordenado a nível global.

O colapso do verdadeiro socialismo e o renascimento de várias formas de nacionalismo

Qualquer progresso dos países do verdadeiro socialismo para lá da desconfiança cuidadosa, recíproca, era impensável na antiga realidade capitalista. Mas o nascimento do novo capitalismo computadorizado e automatizado não só tornou possíveis esses progressos, mas forçou estes países a mudar radicalmente, levando-os a um colapso tão irreversível

sentir-se responsáveis e decidir actuar pessoalmente, directamente, não esperar por sinais de luta de massas. Porque esta pode nunca acontecer. Assim, é aqui que o acto destrutivo toma lugar. É neste ponto que círculo se fecha. De que é que estamos à espera?

Assim sendo, actos de destruição individuais também. Mas aqui levantou-se uma importante objecção: o que é que ganhamos ao destruir um computador? Isso por acaso resolve o problema da tecnologia? Esta importante questão foi-nos apresentada quando reflectimos na hipótese da sabotagem social. Foi perguntado: que resultados se obtêm ao destruir um poste de alta tensão? Antes de mais, a questão da sabotagem é mais voltada para a rede de comunicações do que para os pontos terminais da tecnologia. Por isso, voltamos ao problema de conhecer o modo como a tecnologia é distribuída pelo país e, se me permitem divagar por uns instantes, quero sublinhar um problema sério que aqui emerge. Permito-me usar o termo “problema sério” porque foi feita uma comparação entre o que uma organização armada clandestina pensa que está a fazer ao atacar uma pessoa específica, e o que em vez disso, uma estrutura insurreccionalista anarquista pensa que está a fazer ao atacar uma realidade tecnológica, sugerindo que, no final de contas, não há muita diferença. *Existe* uma diferença, e ela é bastante importante. Mas não é uma questão da diferença entre pessoas e objectos. É uma diferença ainda mais importante, porque os objectivos da organização armada clandestina contêm o erro do centrismo. Ao atacar a pessoa, a organização acredita que está a atacar o centro do Capital. Este tipo de erro é impossível numa organização anarquista insurreccionalista, porque quando esta ataca uma concretização tec-

lutarem directamente pelos seus próprios interesses, porque é apenas através da luta directa e autónoma que se podem alcançar estes objectivos. E quando o objectivo tiver sido alcançado, o núcleo desvanece-se e desaparece. Aí os companheiros começam de novo, em diferentes condições.

De que companheiros estamos nós a falar? De que anarquistas estamos nós a falar? Muitos de nós somos anarquistas, mas quantos de nós estamos disponíveis para a actividade real, concreta? Quantos de nós aqui hoje param pouco depois do limiar da questão e dizem: estamos presentes na luta, sugerimos o nosso projecto, agora os trabalhadores, os explorados, que façam o que quiserem. A nossa tarefa está terminada. Temos a nossa consciência tranquila. Basicamente, qual é a tarefa dos anarquistas que não a propaganda? Como anarquistas, temos a solução para todos os problemas sociais. Então/assim, apresentamo-nos às pessoas que sofrem as consequências do problema, sugerimos a nossa solução, e vamos para casa. Não, este tipo de anarquismo está prestes a desaparecer para sempre. As últimas múmias restantes pertencem à história. Os companheiros devem tomar responsabilidade directa e pessoal das lutas sobre si, porque o objectivo contra o qual os explorados precisam de lutar em certas situações, e contra o qual muitas vezes não o fazem, é comum, porque nós somos explorados, tal como eles. Nós não somos privilegiados. Nós não vivemos em dois mundos diferentes. Não há nenhuma razão real para que eles (as chamadas massas) devam atacar antes de nós. Nem eu vejo qualquer razão por que nos devamos sentir autorizados a atacar apenas na sua presença. O ideal, certamente, é a luta de massas. Mas face ao projecto de reestruturação capitalista, os anarquistas devem

vel quanto indecente.

Regimes rígidos e autoritários baseados em emendas ideológicas, como o internacional proletarismo e afins, estão a ver-se à rasca para lidar com as necessidades impostas por uma estrutura de produção que é, hoje, coordenada globalmente.

Se eles não quiserem ficar enterrados numa situação precária, marginal, os poucos regimes autoritários restantes terão, decididamente, de democratizar a sua gestão política. A inflexibilidade força os grandes parceiros internacionais do desenvolvimento industrial a endurecer e a declarar guerra, de uma maneira ou de outra.

É neste sentido que o papel do exército também mudou consideravelmente. Intensificou a repressão interna, e ao mesmo tempo tomou o papel de polícia global, que foi inicialmente desenvolvido pelos E.U.A.. Isto irá provavelmente continuar por mais alguns anos até que outras crises irrompam e exijam novas, mas igualmente precárias e perigosas, formas de equilíbrio.

Do mesmo modo, o ressurgimento do nacionalismo está a trazer consigo um novo, embora limitado, elemento positivo, e um que é extremamente perigoso. O seu efeito imediato e específico consiste na subversão e desmembramento dos grandes Estados. Qualquer movimento que vá nesta direcção é para ser visto como positivo, mesmo que à superfície se apresente como sendo portador de valores tradicionais e conservadores.

O outro factor, aquele que é extremamente perigoso, é o risco de guerras se multiplicarem entre os pequenos estados, declaradas e combatidas com uma ferocidade sem precedentes, e causando grande sofrimento em nome de princi-

pios miseráveis, assim como de alternativas igualmente miseráveis.

Muitas destas guerras irão conduzir a uma forma de capitalismo pós-industrial mais eficiente e estruturada. Muitas serão controladas e pilotadas pelas próprias gigantes multinacionais. Mas basicamente elas representam uma condição transitória, um tipo de ataque epiléptico, a seguir ao qual as condições sociais poderão evoluir na direcção da eliminação de qualquer traço dos velhos organismos estatais.

Neste momento podemos apenas especular sobre como isto poderá acontecer, começando com um exame das condições actuais.

Desenvolvimentos possíveis da luta de massas insurreccional, na direcção do anarquismo comunista

O fim da função de resistência e defesa por parte das grandes organizações sindicais – correspondendo ao colapso da classe operária – permitiu-nos ver outra possibilidade para a organização da luta. Esta pode começar da capacidade real dos *excluídos*, i.é., da grande massa dos explorados, produtores e não-produtores, que já se encontram para lá da zona dos salários garantidos, e/ou que lá estarão num futuro próximo.

A proposta de um tipo de intervenção baseado em grupos de afinidade e sua coordenação, com o objectivo de criar as melhores condições para a insurreição em massa, muitas vezes é ignorada mesmo entre os companheiros que estão interessados nela. Muitos consideram-na estar fora de tempo, válida no final do século passado, mas decididamente fora de moda actualmente. E esse seria o caso, se as

Isto, na minha opinião, demonstra a necessidade e a urgência de atacar de novamente. Sim, atacar. Mas não um ataque cego. Não um ataque desesperado, ilógico. Um ataque projectual, revolucionário, com os olhos bem abertos para compreender e para agir. Por exemplo, as situações na quais o capital existe, e em que está a ser realizado no tempo e no espaço, não são todas iguais. Existem alguns contextos nos quais a insurreição está mais avançada que noutros; no entanto, há ainda uma grande possibilidade de acontecer lutas de massas internacionalmente. É ainda possível intervir em lutas intermediárias, ou seja, em lutas que são circunscritas, até localmente, com objectivos precisos que nascem de um problema específico. Estas não devem ser consideradas de menor importância. Tais tipos de luta também perturbam o projecto universal do Capitalismo, e a nossa intervenção neles pode ser considerada um elemento de resistência, pondo um travão na fragmentação da estrutura de classes. Sei que muitos companheiros aqui presentes esta noite experimentaram estas coisas, e participaram directamente em lutas específicas.

Portanto, precisamos de inventar novos instrumentos. Estes instrumentos devem ser capazes de afectar a realidade das lutas sem a mediação de sindicatos ou a liderança de partidos. Eles devem propor objectivos, ainda que limitados, objectivos que sejam específicos, não universais e, portanto, que em si não sejam revolucionários. Devemos apontar a objectivos específicos porque as pessoas precisam de alimentar os seus filhos. Não podemos esperar que toda a gente se sacrifique em nome do anarquismo universal. Objectivos limitados, portanto, onde a nossa presença como anarquistas tenha a concreta tarefa de instigar as pessoas a

se torna um instrumento com o qual atacar o capitalismo. Torna-se um instrumento do anarquismo insurreccionalista e revolucionário, de modo a dirigir a nossa atenção para o que torna possível – os homens e as coisas – este projecto de reestruturação do capitalismo, e cujas responsabilidades são evidentes.

Hoje, como nunca antes, atacar as raízes da desigualdade significa atacar directamente aquilo que torna possível a distribuição desigual do conhecimento. E isto porque, pela primeira vez, a própria realidade é conhecimento, pela primeira vez o Capitalismo é conhecimento. Enquanto que os centros onde o conhecimento é elaborado, as universidades, por exemplo, foram em tempos locais enclausurados para serem consultados em momentos específicos de necessidade, hoje eles estão no centro da reestruturação capitalista, no centro da reestruturação repressiva. Por isso, uma distribuição do conhecimento é possível. Insisto em frisar que isto é um problema urgente, porque é possível compreender qualquer diferença quando alguém o vê. Mas quando ocorrer uma separação final entre dois diferentes tipos de conhecimento, que não têm nada em comum – o conhecimento dos *incluídos* e o dos *excluídos* – então será demasiado tarde. Pensem no projecto da diminuição da qualidade do ensino. Pensem como a escolarização de massas, em tempos um instrumento de aquisição de conhecimento, foi transformado nos últimos 20 anos num instrumento de desqualificação. O nível de conhecimento tem sido reduzido, ao passo que uma restrita minoria de privilegiados continuam a adquirir *outro* tipo de conhecimento, em graus de mestres especializados organizados pelo capital.

condições de produção, em particular a estrutura da fábrica, tivessem ficado como estavam há 150 anos atrás. O projecto insurreccionalista seria indiscutivelmente inapropriado se tais estruturas e as correspondentes organizações de resistência sindical ainda hoje existissem. Mas elas já não existem, e a mentalidade que as acompanhava também desapareceu. Esta mentalidade podia ser resumida pelo respeito pelo trabalho de alguém, ter orgulho no seu trabalho, ter uma carreira. Isto, juntamente com o sentimento de pertença a um grupo produtivo no qual se associar e resistir e formar relações sindicais que poderiam até tornar-se os meios para abordar formas de luta mais problemáticas, tais como a sabotagem, a actividade anti-fascistas e por aí fora, são tudo coisas do passado.

Todas estas condições desapareceram para sempre. Tudo mudou radicalmente. O que chamamos a mentalidade da fábrica deixou de existir.

O sindicato tornou-se um ginásio para carreiristas e políticos. O ajuste de salários tornou-se um filtro para facilitar a adaptação do custo do trabalho às novas estruturas do capital. A desintegração está a espalhar-se rapidamente para além da fábrica, a todo o tecido social, rompendo laços de solidariedade e de todas as relações humanas significativas, transformando as pessoas em desconhecidos sem rosto, autómatos imersos na confusão impossível de viver das grandes cidades ou no silêncio mortal da província. Interesses reais foram substituídos por imagens virtuais criadas com o propósito de garantir a coesão mínima necessária para aguentar o mecanismo social como um todo. Televisão, desporto, concertos, arte e actividades culturais constituem uma rede para aqueles que esperam passivamente para que

as coisas aconteçam, tais como o próximo motim, a próxima crise, a próxima guerra civil ou outra coisa qualquer.

Esta é a situação que temos de ter em mente quando falamos de insurreição. Nós anarquistas insurreccionalistas e revolucionários, não nos estamos a referir a algo que está ainda para chegar, mas a algo que está já a acontecer. Não nos estamos a referir a um modelo remoto e afastado, que, como os sonhadores, estamos a tentar trazer à vida, desconhecendo as massivas transformações que estão a ter lugar neste momento. Vivemos no nosso tempo. Somos os filhos do fim do milénio, actores tomando parte na transformação radical da sociedade que vemos perante nós.

Não só consideramos a luta insurreccionalista possível mas, confrontados com a desintegração completa das formas tradicionais de resistência, achamos que esta é a condição para a qual nos devíamos estar a dirigir, se não quisermos acabar por aceitar os termos impostos pelo inimigo e tornarmo-nos escravos lobotomizados, insignificantes rodas dentadas dos mecanismos da tecnologia de informação, que será a nossa mestre num futuro próximo.

Cada vez mais camadas dos *excluídos* estão a afastar-se do consenso, e conseqüentemente da aceitação da realidade ou da esperança de um futuro melhor. O estrato social que em tempos se considerou estável e não em risco, está agora a viver numa precariedade de que nunca conseguirá escapar através da dedicação ao trabalho e da moderação do consumismo.

Organização revolucionária anarquista insurreccionalista

Acreditamos que, em vez de federações e grupos organizados de modo tradicional – parte de estruturas económi-

tentar tratar da mesma maneira duas coisas que são radicalmente diferentes. O antigo sonho revolucionário, digamos do anarco-sindicalismo Espanhol, era o de atacar e derrotar o poder para que a classe trabalhadora pudesse tomar controlo dos instrumentos de produção e usá-los na sociedade futura, de um modo que era mais justo e livre. Actualmente seria impossível fazer um uso mais justo e livre destas novas tecnologias, porque estas não nos são passivas como as velhas tecnologias do passado, mas são dinâmicas. Elas movem-se, penetram profundamente dentro de nós, já nos penetraram. Se não nos apressarmos a atacar, não mais seremos capazes de perceber do que precisamos para o fazer, e em vez de nós tomarmos controlo das tecnologias, serão as tecnologias que nos controlarão. Não será um caso de revolução social mas da revolução tecnológica do capital. Esta é a razão pela qual é impossível um uso revolucionário destas novas tecnologias. Esta falsa noção é semelhante à antiga, referente ao possível uso revolucionário da guerra, na qual muitos conhecidos anarquistas erradamente caíram quando a 1ª Guerra Mundial rebentou. Um uso revolucionário da guerra é impossível, porque a guerra é sempre um instrumento de morte. Um uso revolucionário das novas tecnologias é impossível, porque as novas tecnologias serão sempre instrumentos de morte. Por isso o que resta fazer é destruí-los – atacar, agora, não no futuro, não quando o projecto for completado, não quando aqueles que se estão a iludir a eles próprios o deixarem de fazer, mas sabotagem agora, ataque agora. Esta é a conclusão à qual chegámos. É no momento do ataque destrutivo que clarificamos o que dissemos no início. É nessa altura que a teoria se conjuga com a prática, e que a análise do capitalismo pós-industrial

lismo tem muitas caras, sendo a sua ideologia sempre Maquiavélica: usa tanto a força do leão como a mente da raposa.

Mas o principal instrumento do capitalismo por todo o mundo são as novas tecnologias. Temos de pensar um pouco nisto companheiros, de modo a dissipar tanta confusão. E, ao fazê-lo, devemos também considerar o possível uso dessa tecnologia por nós próprios, em condições sociais modificadas, numa situação pós-revolucionária. Já vimos como houve um grande fosso qualitativo das velhas tecnologias para as novas – por novas tecnologias referimo-nos àquelas baseadas em computadores, lasers, átomos, partículas subatómicas, novos materiais, manipulação genética de humanos, de animais e de vegetais. Estas tecnologias são bem diferentes das, e têm pouco a ver com, as velhas. Estas limitavam-se a transformar material, a modificar a realidade. Pelo contrário, as novas tecnologias penetraram na realidade. Não a transformam simplesmente, elas criam-na, levando não apenas a mudanças moleculares, possíveis transformações moleculares, mas, acima de tudo, criando uma transformação mental. Pensem no uso que é normalmente dado à televisão. Este instrumento de comunicação entrou dentro de nós, nos nossos cérebros. Está a modificar a nossa capacidade de ver, de perceber a realidade. Está a modificar as relações no tempo e no espaço. Está a modificar a possibilidade de sairmos de nós mesmos e mudarmos a realidade. Na verdade, a grande maioria dos anarquistas não pensa ser possível dar uso a este conjunto de tecnologias modernas.

Sei que há um debate corrente acerca disto. No entanto, este debate baseia-se num mal-entendido. Ou seja, está a

cas e sociais de uma realidade que já não existe –, devemos formar grupos de afinidade baseados na força do conhecimento mútuo pessoal. Estes grupos devem ser capazes de levar a cabo acções específicas coordenadas contra o inimigo.

Quanto aos aspectos práticos, imaginamos que teria de haver colaboração entre grupos e indivíduos, para encontrar os meios, a documentação e tudo o mais necessário para levar a cabo tais acções. Quanto às análises, tentamos fazer circular tantas quanto possível nas nossas publicações e através de encontros e debates sobre questões específicas. Uma estrutura organizacional insurreccionalista não roda à volta da ideia central do congresso periódico, típico das grandes organizações sindicais ou das federações oficiais do movimento. Os seus pontos de referência são dados pela totalidade das situações na luta, quer sejam ataques ao inimigo de classe, ou momentos de reflexão e questionamento teórico.

Os grupos de afinidade podem, assim, contribuir para a formação de núcleos de base. O objectivo destas estruturas é tomar o lugar das antigas organizações de resistência sindicais – incluindo aquelas que insistem na ideologia anarcosindicalista – no âmbito de lutas intermédias. O campo de acção dos núcleos de base será qualquer situação onde a classe dominante decreta uma separação entre *incluídos* e *excluídos*.

Os núcleos de base são quase sempre formados como consequência das acções propulsivas de anarquistas insurreccionalistas, mas não são compostos unicamente por anarquistas. Nos encontros, os anarquistas devem tomar a tarefa de sublinhar os objectivos da classe sempre que for

possível.

Um dado número de núcleos de base pode formar estruturas coordenadoras com o mesmo objectivo. Estas estruturas organizacionais específicas são baseiam-se nos princípios de conflitualidade permanente, auto-gestão e ataque.

Por conflitualidade permanente queremos dizer luta ininterrupta contra a dominação da classe e aqueles responsáveis por ela.

Com auto-gestão queremos dizer independência de todos os partidos, sindicatos e patronato, assim como encontrar os meios necessários para organizar e levar a cabo a luta, unicamente com base em contribuições espontâneas.

Por ataque queremos dizer a recusa de qualquer negociação, mediação, reconciliação ou compromisso com o inimigo.

O campo de acção dos grupos de afinidade e núcleos de base é o das lutas de massas.

Estas lutas são quase sempre intermediárias, o que significa que não têm um efeito destrutivo directo e imediato. Geralmente propõem objectivos simples, mas têm o objectivo de ganhar mais força de modo a melhor desenvolver a luta em direcção a objectivos mais vastos.

Ainda assim, o objectivo final destas lutas intermédias é sempre o ataque. É, no entanto, obviamente possível para os companheiros, individualmente ou em grupos de afinidade, atacar indivíduos ou organizações do Capital e do Estado, independentemente de qualquer relação mais complexa.

A sabotagem tornou-se a principal arma dos explorados na sua luta, no cenário que vemos estender-se à nossa frente. O capitalismo está a criar condições de controlo e domi-

capitalista não consegue resolver todos os seus problemas apenas acenando com uma varinha mágica. Ela enfrenta muitas situações diferentes por todo o mundo, cada uma com vários níveis de tensão social. Agora, estas situações de tensão social estão a fazer com o que está escondido no fundo de cada um de nós venha ao de cima, coisas que sempre pusemos de lado, exorcizadas. Factores essenciais como o racismo, o nacionalismo, o medo do diferente, o novo, a SIDA, o homossexual, são tudo impulsos latentes em nós. A nossa superestrutura cultural, a nossa consciência revolucionária, quando veste as suas roupas de Domingo, apaga-os, esconde-os a todos. Então, quando tirarmos o fato dos domingos, todas estas coisas começam a reaparecer. O monstro do racismo está sempre presente, e o capitalismo está sempre pronto a usá-lo. Em situações como a que existe na Alemanha, onde as tensões sociais se têm desenvolvido rapidamente nos últimos anos, este fenómeno está em constante desenvolvimento. O capital controla o racismo e usa certos aspectos seus, mas tem também medo dele, visto que a gestão geral do poder mundial é de natureza democrática, tolerante e possibilista. Do ponto de vista da utilização, tudo (e.g., ideologia, medo) pode existir – tudo faz parte do projecto do capital. Não podemos afirmar com certeza que o capitalismo pós-industrial é contra o racismo. Podemos ver algumas das suas principais características, tais como a sua natureza democrática, e de repente descobrir que no contexto de um país em concreto, o mesmo capitalismo tecnologicamente avançado está a usar métodos que se usavam há 100 anos atrás: racismo, perseguição de Judeus, nacionalismo, ataques a cemitérios, as coisas mais odiáveis e abomináveis que o homem pode fazer. O capita-

possíveis estão já a ser usados – os novos que já mencionamos, juntamente com os antigos, tão antigos como o mundo, tais como a guerra, a repressão, a barbaridade, dependendo da situação. Deste modo, na antiga Jugoslávia, por exemplo, uma feroz guerra está a ser travada pretendendo reduzir o mais possível as capacidades de um povo. Depois haverá uma intervenção nesta situação de absoluta destruição, sob a forma de uma pequena campanha humanitária, que será vista como uma grande ajuda em tais condições de miséria absoluta e total.

Pensem em como seria o estado de países como a ex-Jugoslávia sem a guerra. Um enorme barril de pólvora às portas da Europa de leste, nas nossas fronteiras, lado a lado com a Comunidade Europeia. Um barril de pólvora prestes a explodir, com contradições sociais que nenhuma intervenção económica seria algum dia capaz de elevar ao nível do consumismo ocidental. A única solução era a guerra, o engenho mais velho do mundo, e ela foi aplicada. O imperialismo americano e mundial está a intervir na Somália e no Iraque, mas não há grandes dúvidas de que eles irão intervir na antiga Jugoslávia, dado que a probabilidade de rebelião nesta área tem de ser reduzida a zero. Assim, estão a ser usados novos meios juntamente com os antigos, dependendo da situação, dependendo do contexto económico e social envolvente.

E uma das mais antigas armas no grande arsenal de horrores é o racismo. Na questão do racismo e de todos os males com ele relacionados (neo-nazismo, fascismo, etc.), olhemos por uns instantes para o desenvolvimento diferenciado da reestruturação capitalista. De forma a compreendermos o problema, é necessário ver como a reestruturação

nação a níveis nunca antes vistos, através da tecnologia de informação que nunca poderá ser usada para outra coisa que não a manutenção do poder.

Porque somos anarquistas insurreccionalistas

- Porque estamos a lutar juntamente com os *excluídos* para aliviar e finalmente abolir as condições de exploração impostas pelos *incluídos*.

- Porque consideramos ser possível contribuir para o desenvolvimento de lutas que estão a surgir espontaneamente em todo o lado, transformando-as em insurreições em massa, ou seja, revoluções *reais*.

- Porque queremos destruir a ordem capitalista do mundo que, devido à reestruturação da ciência computadorizada, se tornou tecnologicamente útil a mais ninguém se não aos gestores do domínio da classe.

- Porque somos pelo ataque imediato e destrutivo contra as estruturas, indivíduos e organizações do Capital e do Estado.

- Porque criticamos construtivamente todos aqueles que estão numa situação de compromisso com o poder, na sua crença de que a luta revolucionária é impossível no presente.

- Porque em vez de esperarmos, decidimos passar à acção, mesmo que o tempo não seja oportuno.

- Porque queremos por um fim neste estado de coisas imediatamente, em vez de esperar até que as condições tornem possível a sua transformação.

Estas são as razões pelas quais nós somos anarquistas, revolucionários e insurreccionalistas.

Os anarquistas face à nova ordem do capitalismo

Companheiros, antes de iniciar esta conferência, algumas palavras para nos conhecermos melhor uns aos outros. Em conferências, é quase sempre criada uma barreira entre quem fala e aqueles que ouvem. Por isso, de modo a ultrapassar este obstáculo devemos tentar chegar a um entendimento, porque estamos aqui para fazer alguma coisa juntos, não simplesmente para falar por um lado, e ouvir pelo outro. E este interesse comum precisa de ser mais esclarecidos do que nunca, dadas as questões a serem discutidas esta noite. Muitas vezes a complexidade da análise e a dificuldade dos problemas que estão a ser apresentados separam a pessoa que fala daquelas que estão a ouvir, levando muitos companheiros a uma dimensão passiva. O mesmo acontece quando lemos um livro difícil que só nos interessa até certo ponto, um livro com um título como O Anarquismo e a Sociedade Pós Industrial, por exemplo. Tenho de confessar que se visse tal livro na montra de uma loja, não tenho a certeza se o compraria.

É por isso que precisamos de chegar a um entendimento. Penso que por detrás da fachada do problema em discussão, sem dúvida complexo, o facto de sermos anarquistas e companheiros revolucionários significa que deveríamos ser capazes de descobrir algo em comum. Isto devia permitir-nos adquirir alguns instrumentos analíticos com os quais melhor compreender a realidade, para conseguirmos actuar sobre esta de modo mais eficaz que anteriormente. Como anarquista revolucionário, recuso-me a habitar dois mundos separados: um de teoria e outro de prática. Como anarquista revolucionário, a minha teoria é a minha prática e a minha

Não sei se será feito algum uso do computador na sociedade do futuro, a sociedade auto-gestionada a que se referem muitos companheiros, assim como é impossível saber se será feito algum uso de um número considerável das novas tecnologias. De facto, é impossível saber seja o que for sobre o que irá acontecer nesta hipotética sociedade do futuro. A única coisa que posso saber, até certo ponto, diz respeito ao presente, e aos efeitos do uso das novas tecnologias. Mas já mencionámos isto, por isso não faz sentido repetirmo-nos. A tarefa dos anarquistas é atacar, mas não em benefício dos seus próprios interesses organizacionais ou do seu crescimento quantitativo. Os anarquistas não têm nenhuma identidade social ou organizacional para defender. As suas estruturas são sempre de carácter informal, por isso o seu ataque, quando acontece, não é para se defenderem (ou ainda pior, para se propagandear a si mesmos), mas para destruir um inimigo que está a atacar toda a gente. E é nesta decisão de atacar que a teoria e a prática se cruzam.

Um tipo de capitalismo historicamente sem precedentes está a surgir no horizonte. Quando ouvimos falar de neoliberalismo, é isto que se quer dizer. Quando ouvimos falar de dominação global, é a este projecto que se se está a referir, não ao velho conceito de poder, não ao velho imperialismo. Foi face a este projecto e à sua imensa capacidade de dominar que o verdadeiro socialismo colapsou. Tal coisa nunca teria acontecido no contexto do velho capitalismo. Já não há qualquer necessidade de o mundo estar dividido em dois blocos opostos. O novo imperialismo capitalista é do tipo administrativo. O seu projecto é gerir o mundo para um pequeno conjunto de *incluídos*, à custa da grande massa de *excluídos*. E com estes projectos em mente, todos os meios

por exemplo, mas ninguém se torna um polícia para o fazer. Nós informamo-nos: como operam os polícias? Que tipos de bastões usam? Juntamos o pouco conhecimento necessário para percebermos grosseiramente como trabalha a polícia. Por outras palavras, se decidimos atacar a polícia, limitamo-nos a obter uma certa quantidade de informação sobre eles. Do mesmo modo, não é necessário tornarmo-nos engenheiros para atacar a nova tecnologia, podemos simplesmente adquirir algum conhecimento básico, algumas indicações práticas que nos permitam atacá-la. E desta consideração emerge outra, muito mais importante: que a nova tecnologia não é abstracta, é algo concreto. Por exemplo, o sistema internacional de comunicação é um facto concreto. Para conseguir construir imagens abstractas nas nossas mentes ele precisa de se espalhar pelo país. É deste modo que os novos materiais estão a ser usados, digamos, na construção de cabos para transmissão de dados. E é aqui que é importante conhecermos a tecnologia, não como ela funciona no aspecto produtivo, mas como se espalha pelo país. Ou seja, onde se encontram os centros de direcção (que são múltiplos) e onde estão os canais de comunicação. Estas, companheiros, não são ideias abstractas, mas coisas físicas, objectos que ocupam espaço e garantem controlo. É bastante simples intervir com a sabotagem neste caso. O que é difícil é descobrir onde estão os cabos.

Temo-nos deparado com o problema de descobrir a documentação e a pesquisa necessárias para atacar: a certa altura estas tornam-se indispensáveis. A certa altura, algum conhecimento da tecnologia torna-se essencial. Na nossa opinião, este será o maior problema que os revolucionários terão de enfrentar durante os próximos anos.

prática é a minha teoria.

Tal introdução pode não cair bem, e não irá certamente agradar àqueles que apoiam as velhas teorias. Mas o mundo mudou. Enfrentamos hoje uma nova condição humana, uma nova e dolorosa realidade. Isto não pode deixar espaço para uma clausura intelectual ou aristocracias analíticas. A acção já não é algo separado da teoria, e este continuará a ser o caso. É por isto que é importante voltar novamente a falar sobre o capitalismo. Porque a situação que vemos à nossa frente está sob rápida reestruturação.

Quando nos encontramos numa situação como esta, tendemos a deixarmo-nos seduzir por palavras. E todos conhecemos a vocação dos anarquistas para as palavras. Claro que também somos pela acção. Mas esta noite é uma questão apenas de palavras. Por isso corremos o risco de nos deixarmos embebedar por elas. Revolução, insurreição, destruição, são só palavras. Sabotagem – lá está, outra palavra. Ao longo dos últimos dias passados aqui entre vocês ouvi serem colocadas várias questões. Por vezes foram feitas de má fé, pelo menos segundo me pareceu. Mas a tradução de uma linguagem para outra conduz a isso, e eu não quero ser maldoso. Só quero dizer que é importante não nos iludirmos de que a minha análise fornece a solução para o problema social. Eu também não acredito que qualquer dos companheiros com que falei nos últimos dias tenham a solução. Nem o companheiro anarco-sindicalista com a sua análise baseada na centralidade da classe trabalhadora, nem os outros companheiros que, pelo que percebo, parecem não concordar com ele, e propõem uma intervenção de natureza insurreccional. Não, nenhuma destas hipóteses podem dizer que são donas da verdade. Se o

anarquismo nos ensina alguma coisa é a ser prudentes com qualquer pessoa que diga possuir a verdade. Quem quer que o faça, mesmo que se auto-denomine anarquista, para mim será sempre um padre. Qualquer discurso deve apenas almejar formular uma crítica do existente, e se por vezes nos deixamos levar por palavras, é o desejo de agir que nos leva a melhor. Vamos parar por aqui e começar de novo a pensar. A destruição do existente que nos oprime será um longo caminho. As nossas análises não são mais que uma pequena contribuição para que possamos continuar a nossa actividade revolucionária destrutiva juntos, de maneiras que façam de qualquer conversa uma simples perda de tempo.

Por isso, que podemos nós fazer? Os anarquistas perguntam-se a si mesmos há muito tempo: como podemos entrar em contacto com as massas? para usar um termo que muitas vezes surge neste tipo de discussões, e que também ouvi em várias ocasiões nos últimos dias. Agora, este problema tem sido encarado de dois modos diferentes. No passado, ao longo da história do anarquismo, ele foi enfrentado usando o conceito de propaganda, isto é, explicando quem somos às massas. Isto, como podemos facilmente ver, é o método usado por partidos políticos em todo o mundo. Tal método, o uso de propaganda anarquista tradicional está, na minha opinião, actualmente em dificuldade, tal como está a difusão de qualquer outra ideologia. Não é tanto que as pessoas não queiram ter mais nada a ver com a ideologia, mas sim que a reestruturação capitalista a está a tornar insignificante. E devo dizer aqui publicamente que os anarquistas estão a ter dificuldade em compreender esta nova realidade, e este é o assunto de um corrente debate no seio do movimento anarquista internacional. O fim da ideologia está a

salto qualitativo: quando a electrónica começou a ser usada como base sobre a qual a nova tecnologia (e, consequentemente, a tecnologia para o aperfeiçoamento da electrónica) seria construída. E é impossível prever como irão as coisas evoluir, porque ninguém pode prever quais as consequências desta entrada numa nova fase tecnológica. Temos de perceber que não é possível pensar em termos de causa-efeito. Por exemplo, é ingénuo dizer que as grandes potências têm o potencial atómico para fazer explodir o mundo, mesmo que assim o seja. Esta ideia, tão aterrorizadora e apocalíptica, pertence ao velho conceito de tecnologia baseado na hipótese de causa-efeito: as bombas explodem, o mundo é destruído. O problema de que estamos aqui a falar abre a perspectiva de uma situação muito mais perigosa, porque já não é uma questão de especulação, mas algo que já existe e se está a desenvolver ainda mais. E este desenvolvimento não é baseado no princípio de causa-efeito, mas no entrelaçar de relações imprevisíveis. Uma simples descoberta tecnológica, como uma nova substância para a conservação de energia, por exemplo, poderia levar a uma série de relações tecnológicas destrutivas, que ninguém completamente consciência, nenhum cientista, poderia prever. Isso poderia causar uma série de relações destrutivas que iriam afectar não apenas as novas tecnologias, mas também as antigas, pondo o mundo todo em caos. Isto é o que difere, e não tem nada a ver com a cibernética, que é apenas um parente afastado do actual pesadelo.

À luz de tudo isto andamo-nos a perguntar há muito tempo: como podemos atacar o inimigo se não o conhecemos em profundidade? Mas, se pensarem nisto, a resposta não é assim tão difícil. Nós gostamos bastante de atacar a policia,

isto por um momento, sob a velha forma de exploração, o explorado e o explorador ambos desejavam a mesma coisa. Só que um *tinha*, e o outro não. Para a construção desta divisão ser totalmente realizada, terão de haver dois tipos diferentes de desejo, um desejo por coisas completamente diferentes. Os *excluídos* desejam apenas o que conhecem, o que é compreensível para eles e não o que pertence aos *incluídos*, cujos desejos e necessidades não conseguirão mais compreender, porque o equipamento cultural necessário para tal ser-lhes-á retirado para sempre.

É isto que o capitalismo está a construir: um autómato em carne e osso, construído nos laboratórios do poder. O mundo de hoje, baseado na tecnologia da informação, sabe perfeitamente que nunca será possível conseguir elevar a máquina ao nível do homem, porque nenhuma máquina será alguma vez capaz de fazer o que um homem consegue. Por isso, eles estão a baixar o homem ao nível da máquina. Eles estão a reduzir a sua capacidade de compreensão, nivelando gradualmente a sua herança cultural ao mínimo absoluto, e criando nele desejos uniformes.

Então, quando começou o processo tecnológico de que estamos a falar? Será que começou com a cibernética, como tem sido sugerido? Qualquer pessoa que tenha alguma experiência nessas coisas sabe que, se o coitado do Norbert Weiner tem alguma responsabilidade, ela reside no facto de ele ter começado a brincar com tartarugas electrónicas. De facto, a tecnologia moderna começou há 100 anos, quando um ingénio matemático Inglês começou a brincar com a aritmética e desenvolveu o cálculo binário. Agora, partindo daí é possível identificar os vários passos na tecnologia moderna. Mas há um momento preciso onde se dá um

conduzir a uma situação onde a propaganda anarquista tradicional está a perder o sentido. Quando a eficácia (ou ilusão, não sabemos qual) da propaganda desaparece, abre-se o caminho do contacto directo com as pessoas. Este é um caminho de lutas concretas, lutas que já mencionamos, questões quotidianas, mas, obviamente, não podemos exceder as nossas limitações. Os anarquistas são uma minoria muito pequena. Não é por fazer muito barulho, ou por usar técnicas publicitárias que conseguirão fazer-se ouvir pelas pessoas. Por isso, não é uma questão de escolher os meios de comunicação que melhor se adequam – porque isto levar-nos-ia novamente ao problema da propaganda, e conseqüentemente à ideologia – mas, em vez disso, de escolher os meios de luta mais adequados. Muitos anarquistas consideram que este meio é o ataque directo, obviamente dentro dos limites das suas possibilidades, sem se imaginarem eles próprios a serem o instrutor de voo de ninguém.

Peço-vos que reflitam um momento sobre o estado do Capitalismo no início dos anos 80. O Capitalismo estava em dificuldades. Enfrentava um aumento do custo de mão-de-obra, uma reestruturação das instalações fabris fixas com custos astronomicamente elevados, um mercado rígido e a possibilidade de desenvolvimento de lutas sociais como resposta a isto. E depois, pensem nas condições seis ou sete anos depois. Quão rápido mudou o capitalismo. Ele superou todas as suas dificuldades de um modo nunca previsto, alcançando um programa de gestão económica e imperialista do mundo sem precedentes. Talvez não pareça de momento, mas o objectivo deste programa de fechar o círculo de poder está bem encaminhado. O que aconteceu? Como pôde uma situação tão cheia de dificuldades conse-

guir levantar-se tão rápida e radicalmente?

Todos sabemos o que aconteceu, e não é o seu lado técnico que nos surpreende. Basicamente, uma nova tecnologia foi inserida no processo produtivo. Os custos de trabalho foram reduzidos, os programas produtivos foram substituídos, novas forças passaram a ser usadas na produção: sabemos tudo isto. Esse não é o aspecto da reestruturação capitalista que nos surpreende. Não, o que nos deixa boquiabertos é a maneira engenhosa como o capitalismo usa a classe trabalhadora. Porque isto sempre constituiu a principal dificuldade do capitalismo. A genialidade do capitalismo ganhou no ataque e no desmantelamento da classe trabalhadora, espalhando-a por todo o país, empobrecendo-a, desmoralizando-a e anulando-a. Claro que no princípio teve medo de fazer isto. O capital sempre teve medo de se aventurar por esse caminho, porque as reduções no preço da mão-de-obra marcaram sempre o despoletar das lutas sociais. Mas, tal como os seus representantes académicos vêm a insistir há algum tempo, o perigo já não existe, ou pelo menos está a desaparecer. Agora até é possível dispensar pessoas, desde que o façam mudando sectores de produção, desde que os outros estejam a ser preparados para desenvolver uma mentalidade aberta e estejam a começar a discutir as coisas. E todas as forças sociais: partidos, sindicatos, trabalhadores sociais, as forças de repressão, todos os níveis da escola, cultura, o mundo do espectáculo, os media, foram reunidos para preparar a nova tarefa do Capitalismo. Isto constitui uma cruzada mundial, como nunca antes vista, almejando modelar o novo homem, o novo trabalhador.

Qual é a característica principal deste novo homem? Ele

não é violento, porque é democrático. Ele discute as coisas com os outros, está aberto às opiniões das outras pessoas, procura associar-se com outros, junta-se a sindicatos, faz greves (simbólicas, claro). Mas o que lhe aconteceu? Ele perdeu a sua identidade. Ele não sabe mais quem é. Ele perdeu a sua identidade como um dos explorados. Não porque a exploração tenha desaparecido, mas porque lhe foi apresentada uma nova imagem das coisas, na qual ele é levado a sentir que é participante. Além disso, ele tem um sentido de responsabilidade. E em nome desta solidariedade social ele está disposto a fazer novos sacrifícios: adaptar-se, mudar de emprego, perder as suas competências, desqualificar-se como homem e como trabalhador. E isso é o que o capitalismo lhe tem pedido sistematicamente durante os últimos 10 anos, porque com a nova reestruturação capitalista não são precisas qualificações, mas simplesmente uma mera aptidão para trabalhar, flexibilidade e rapidez. O olho deve ser mais rápido que o cérebro, as decisões limitadas e rápidas: escolhas restritas, poucos botões para carregar, máxima rapidez na execução. Pensem na importância que têm os jogos de vídeo neste projecto, só para dar um exemplo. Podemos então ver que a centralidade do trabalhador desapareceu miseravelmente. O capital é capaz de separar os *incluídos* dos *excluídos*, isto é, de distinguir aqueles que estão envolvidos no poder, daqueles que serão *excluídos* para sempre. Por “poder” queremos dizer não apenas a gestão do Estado, mas também a possibilidade de ganhar acesso a melhores condições de vida.

Mas o que suporta esta divisão? O que garante a separação? Isto reside nas diferentes maneiras como as necessidades são percebidas. Porque, se vocês pensarem sobre